

“Aquí se respira lucha gorda”: contribuições do ativismo gordo da América Latina para o ativismo gordo no Brasil

Rosa da Costa Gato Neta¹
Paula Rita Bacellar Gonzaga²

Resumo: O ativismo gordo é um movimento que vem sendo ampliado dentro de vários espaços da sociedade, produzindo saberes engordurados e potentes sobre as imensidões de seus corpos. Neste artigo, utilizamos como base epistemológica o feminismo decolonial, analisando os movimentos gordos a partir da ferramenta teórico-metodológica sendo a Interseccionalidade. Desta forma, o objetivo deste estudo é analisar a presença do Ativismo Gordo na América Latina e compreender como suas contribuições reverberam nas produções dos estudos sobre as corporalidades gordas no contexto brasileiro. Com isso, atentamos para a importância das pesquisadoras e ativistas gordas brasileiras localizarem a luta gorda a partir do sul, considerando as especificidades desses territórios, as diversidades corporais e étnico-raciais que formam Abya Ayla.

Palavras-chave: Ativismo gordo. Corpo gordo. Gênero. Gordofobia.

¹ Mestre em Psicologia (UFMG). Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: psicorosaneta@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6329830726431901>. ORCiD: <https://orcid.org/0000-0001-7930-088X>.

² Doutora em Psicologia (UFMG). Professora do departamento e do programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: paribago@ufmg.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0399493499741522>. ORCiD: <https://orcid.org/0000-0001-7095-5345>.

GORDA, essa pequena palavra que carrega inúmeras significações, permeia cotidianamente a vida de muitas pessoas. Para os estudos biomédicos, gorda é o nome dado a pessoas classificadas pelo Índice de Massa Corporal (IMC) como sobrepeso, excesso de gordura e obesidade. Em uma sociedade lipofóbica, gorda equivale à vergonha, ridicularização, feiura, ausência de cuidado e mais. Segundo Maria Luisa Jimenez-Jimenez³ (2020) a sociedade lipofóbica é uma organização social que empreende como normativa a cultura da magreza e um medo da gordura; assim, a lipofobia, como uma obsessão pela magreza, fortalece o repúdio aos corpos gordos.

Já no Ativismo Gordo essa palavra – GORDA – é significação de potência, grandeza e imensidão, de luta e principalmente de aceitação individual e coletiva. Sendo assim, uma postura política de corpos em movimentos constantes, atravessados por várias raízes, avenidas, vielas ou rios, corpos esses que fogem do que se estabelece socialmente como ideal.

Neste banzeiro, Yuderkys Miñoso (2020, p. 100) afirma que a “ferida colonial sangra mais em umas, do que em outras”, pontuando a discussão que buscaremos realizar neste estudo. Colocando em debate o movimento que vem sendo realizado por corpos que foram não somente inscritos em um registro de gênero, como também em um registro colonial do tempo que atravessou a produção e a compreensão das múltiplas opressões, que perpassam a gordura em contextos fora do Norte Global (Sacchi, 2021).

No registro da lógica colonial, o corpo é somente uma estrutura, devendo seguir um funcionamento padrão e igual a todos aqueles vistos como imagem e semelhança do colonizador. O lado visível do sistema de gênero moderno/colonial apresenta a divisão binária de gênero – homem e mulher –, e como a heterossexualidade compulsória organiza ficções poderosas sobre o que é ser mulher, a mulher branca alocada como esposa, cuidadora e mãe na execução da função de gênero estabelecidos por esse sistema, segue a docilização do corpo obediente e reprodutor da raça branca e burguesa.

³ Seguindo a base epistemológica feminista desta pesquisa, sinalizamos as citações com o nome e sobrenome das intelectuais que compõem esse trabalho, buscando visibilizar as pesquisadoras, assim como seus saberes.

No lado oculto do sistema de gênero moderno/colonial existe uma naturalização das violências que acontecem com aqueles corpos vistos como outros. Assim, pessoas negras e indígenas, são consideradas selvagens por suas raças, não estando conforme a imagem e semelhança do criador/colonizador, colocadas como não-brancas – sendo o branco fixado como norma –, pelo binarismo e pela colonialidade. Esse sistema não somente nos convoca a pensar sobre como o corpo e o gênero são construídos por esse sistema de gênero moderno/colonial, como também, sobre o encantamento universal do ser mulher como sujeito fixo construído pelo feminismo hegemônico (Lugones, 2020). Nesse processo, a compreensão do corpo e da gordura é o mesmo para todas, ou como acabam por colocar em suas produções “a gordura como problema da mulher”, e devemos nos perguntar de qual mulher estão falando? (Gonzaga, 2022).

Diante a esse cenário, este artigo visa analisar a presença do Ativismo Gordo na América Latina e compreender como suas contribuições reverberam nas produções dos estudos sobre as corporalidades no contexto brasileiro. Admitindo a necessidade de romper com padrões euronortecêntricos e reconhecer os processos que atravessam os corpos-territórios de pessoas gordas latino-americanas. Apostamos nas proposições do feminismo decolonial e da ferramenta metodológica tecida pelo feminismo negro, a interseccionalidade.

Assim, objetivamos ainda redefinir a centralidade de quem enuncia sobre os corpos gordos, ratificando que a despeito da infantilização e docilização dos corpos, esses sujeitos não precisam de representantes de suas vozes. Portanto, o que se necessita é de produções que estejam escrevendo, falando, analisando criticamente e ampliando o campo dos estudos das corporalidades gordas, inclusive considerando que pessoas gordas são também atravessadas por outros marcadores sociais, como classe, raça, geração, territorialidade etc.

Aquí se respira lucha gorda

Os debates sobre a gordura, sobre a patologização dos corpos gordos por parte da medicina, bem como, as produções advindas do movimento Ativista Gordo que

posteriormente adentram a América Latina, têm, segundo as pesquisadoras do campo, origem nos estudos anglo-saxônicos. Nomeado como Ativismo Gordo, esse movimento social teve seu surgimento na década de 60 nos Estados Unidos por parte de algumas ativistas gordas que organizaram o primeiro evento denominado *Fat-In*, em nossa tradução - Gordo Dentro. Nessa manifestação alguns grupos foram formados, dentre eles a *National Association to Advance Fat Acceptance* (NAAFA), em nossa tradução - Associação Nacional para Promover a Aceitação da Gordura - que permanece atuante. A articulação dessas ativistas ganhou forças após as mobilizações realizadas, por uma série de denúncias a partir do falecimento da cantora Cass Elliot, mulher gorda branca que teve em seu laudo de óbito constando a obesidade como causa da morte. Para essas ativistas, o que aconteceu nesse cenário, era mais um episódio de violência direcionado aos corpos gordos, sendo não a obesidade o motivo de seu falecimento, mas sim a Gordofobia Médica repleta de negligenciamentos e silenciamentos, existente até os dias atuais (Castillo, 2014; Jimenez-Jimenez et al., 2022b).

Quando esse movimento chega aos países da América Latina, é chamado por algumas pesquisadoras desse campo como Ativismo Gordo Hispânico, as mesmas que citam as manifestações do 15M na Espanha como ponto importante desse movimento (Sariego, 2022; Garcia, 2016), em alguns casos até nomeando como marco. Entretanto, mesmo entendendo a importância dessas manifestações, recusamos a ideia de marcos, compreendo como essa lógica corrobora a uma ordem euronortecêntrica. Convém destacar que tanto o Ativismo Gordo latino-americano como o Ativismo Gordo Brasileiro se ampliaram significativamente no âmbito dos espaços virtuais.

Em 2017 iniciava-se no Facebook o Grupo de estudos sobre o corpo gordo, que atualmente é chamado de Pesquisa Gorda – Grupo de Estudos Transdisciplinares das Corporalidades Gordas no Brasil –, criado pela ativista e filósofa Maria Luisa Jimenez. O grupo teve inicialmente como objetivo aproximar e construir uma rede entre as ativistas e pesquisadoras gordas do Brasil. O grupo abriu debates em outros espaços, como em 2018, com a Feira de Moda e Cultura Pop Plus, que contou com a participação de pesquisadoras e ativistas gordas na sua programação (Assis, 2022).

Com razão ainda mais forte, seguindo o direcionamento dos estudos das corporalidades gordas (Jimenez-Jimenez et al., 2022b), a Gordofobia é uma discriminação social que gradativamente nega o acesso a direitos básicos a pessoas gordas, como os direitos à saúde, ao trabalho, ao lazer, a educação e principalmente a soberania alimentar. A gordofobia pode ser considerada uma violência de gênero que afeta em intensidades distintas os corpos de mulheres gordas, fortalecendo não somente uma pressão estética, como repudiando aquelas que saem do campo que socialmente foi constituído como o belo a partir de hierarquizações de raça, classe, geração, território e peso. Também pode ser definida enquanto um termo que enuncia o ódio contra pessoas gordas, em que seus corpos fogem da normativa aceita e exigida socialmente, em uma posição contrária àquela que está estabelecida como correta, saudável e normal (Jimenez-Jimenez; Arruda; Silva, 2022a).

Ativismo gordo na América Latina

Abordaremos aqui o campo ativista engordurado a partir da América Latina, chegando assim ao contexto brasileiro. Essa escolha, em não mais apresentar esse campo a partir do *Fat Studies* – em nossa tradução Estudos Gordos – dos Estados Unidos, é uma postura contracolonial. Em que sua existência é reposicionada não como ponto central deste trabalho, visto que, pretendemos avançar nas perspectivas interseccionais que nos orientam a entender que nenhum sujeito pode ser reduzido a somente um marcador social. Como nos indica María Lugones (2008, p.21) “Solo al percibir género y raza como entretramados o fusionados indisolublemente, podemos realmente ver a las mujeres de color”, assim, admitimos que só ao perceber racismo, machismo e de modo entrelaçados podemos realmente enxergar as mulheres gordas da América Latina.

Segundo Mónica Sariego (2022) ainda que possa ser difícil verificar uma linha cronológica exata sobre o início do Ativismo Gordo Latino-Americano, existem alguns eixos significativos que foram produzindo e construindo esse movimento. Dentre eles,

tem-se a criação do blog argentino *Gorda Zine*⁴ em 2012 pela ativista gorda Laura Contrera, que permanece ativo até os dias atuais, e conta com textos traduzidos e disponibilizados pela própria Laura, visando facilitar o acesso de pessoas latino-americanas a alguns materiais produzidos pelo ativismo gordo estadunidense. Em 2013 no Chile aconteceu o lançamento do *Manifiesto Gordo* pelas ativistas Constanx Álvarez y Samuel Hidalgo, trazendo uma série de declarações contra os cânones da beleza e as estruturas produzidas a partir do desejo, dialogando com o transfeminismo antiespecista. Em 2011 na Espanha, foi realizado o 15M, onde nasce o projeto *Stop Gordofobia*⁵ de Carlos Savoie y Magdalena Piñeyro, mesmo estando fora da América Latina. Além disso, a presença de ativistas gordas fora de coletivos, também tiveram contribuições significativas com suas produções performáticas para o ativismo gordo hispânico, como, por exemplo: Balandra Rodríguez, ativista gorda mexicana e Lucrecia Masson, ativista gorda argentina.

Tem-se, ainda, que o Ativismo Gordo Hispânico tenha tido um maior alcance a partir da ocupação nos espaços digitais, como nos apresenta Mónica Sariego (2022) em seu texto *Activismo Gordo y Fanzines Digitales: de niñas a gordas*. Nessa produção a autora analisa a forte presença dos Fanzines nesse movimento, sendo, inclusive, a partir dessas produções que ativistas gordas latino-americanas foram ampliando seus debates, compartilhando suas experiências, traduzindo textos de ativistas gordas de outras localidades, bem como, construindo um espaço virtual chamado Gordesfera.

A Gordesfera é considerada no Ativismo Gordo latino-americano como um grupo de apoio e cuidado. É um local seguro, uma rede de gordoridade, onde podem denunciar as violências gordofóbicas, assim como, partilhar suas emoções, vivências, textos, produções artísticas e chamamentos para atividades presenciais do movimento, sendo a plataforma digital *Instagram* a que apresenta a maior presença da gordesfera (Roldán, 2021).

⁴ CONTRERA, L. Blog Gorda Zine. Disponível em: <http://gordazine.tumblr.com/>. Acesso em: 10 mai. 2025.

⁵ SAVOIE, C.; PIÑEYRO, M. Stop Gordofobia. Disponível em: <https://www.facebook.com/stopgordofobia>. Acesso: 10 mai. 2025.

Para além dos coletivos e grupos de ativistas gordas latino-americanas, verificamos a inserção desse campo nas produções acadêmicas. Para esse momento, realizamos uma busca por referências bibliográficas, que nos auxiliou a verificar como as problemáticas sociais do ativismo gordo estão sendo debatidos nos estudos já realizados, nos possibilitando ainda, conhecer melhor o campo de pesquisa, com uma leitura crítica e aprofundada desses estudos e de suas análises anteriores (Souza; Oliveira; Alves, 2021). As coletas desses trabalhos foram realizadas nas plataformas de pesquisa: Lilacs, Capes, Pepsic e Scielo, no intervalo de tempo de oito anos (2016 a 2023). As palavras-chave foram: Ativismo Gordo, Activismo Gordo e Activismo Gordo *en* (países da América Latina). Dessa forma, as produções encontradas podem ser verificadas nas tabelas 1 e 2:

Tabela 1: Produções sobre ativismo gordo em países da América Latina

Descritores Utilizados	Países	Produções	Período de produções selecionadas: 2016-2023
Activismo Gordo; Activismo Gordo en Argentina	Argentina	11	2016-2023
Activismo Gordo; Activismo Gordo en la Bolívia	Bolívia	1	2020
Ativismo Gordo; Ativismo Gordo no Brasil	Brasil	36	2017-2023
Activismo Gordo; Activismo Gordo en Chile	Chile	3	2016-2022
Activismo Gordo; Activismo Gordo en Colombia	Colômbia	4	2016-2022
Activismo Gordo; Activismo Gordo en Costa Rica	Costa Rica	1	2021
Activismo Gordo; Activismo Gordo en México	México	5	2019-2023

Activismo Gordo; Activismo Gordo en Peru	Peru	2	2019-2023
Activismo Gordo; Activismo Gordo en Uruguay	Uruguai	3	2020-2022

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025.

Tabela 2: Títulos das produções encontradas

Países	Títulos das Produções encontradas
Argentina	1. “¿Cuestión de peso? Estudio exploratorio sobre las representaciones sociales de los cuerpos gordos”; 2. “Cuerpos sin patrones: resistencias desde las geografías desmesuradas de la carne”; 3. “Gordx no es un sentimiento”: trastornos alimentarios, cuerpos regimentados y almas “de gordx” en el tráfico afectivo de Internet”; 4. “Contra la patologización intensiva en términos de derechos humanos: activismo gordo en Argentina”; 5. “Cuerpos (Des) obedientes: La (representación normativa) normativización de los cuerpos y la resistencia desde el Activismo gordo”; 6. “Activismo gordx colectivo y discursos del amor propio como estrategias diferenciadas frente a las normas reguladoras de los cuerpos”; 7. “Ni dieta, ni ajuste, ni patología”. La construcción de las demandas activistas de despatologización de la gordura en Argentina (2011-2021)”; 8. “Lo hipervisible y lo ignorado”; 9. “Gorda Vanidosa”; 10. “El estigma de la obesidad”; 11. “un rugido de rumiantes apuntes sobre la disidencia corporal desde el activismo gordo”.
Bolívia	1. “Estado de la investigación sobre obesidad y sobrepeso: una revisión crítica y socioantropológica”.
Brasil	1. “O peso e a mídia: estereótipos da gordofobia”; 2. “O ativismo gordo: da militância à autoetnografia, da voz à educação”; 3. “Podemos nós, xs gordxs, falar? Ativismo, imaginação e resistência a partir das geografias desobedientes da carne”; 4. “Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos”; 5. “Feminismo Gordo: Epistemologias, saúde e mídia”; 6. “Possibilidades em Pesquisa Gorda: Estratégias de (re)existências na Produção de Saberes Fora do Eixo”; 7. “Filosofia Gorda: por Epistemologias Engorduradas. In: Anais da Pesquisa Gorda: ativismo, estudo e arte”; 8. “Cuerpas Gordas de Abya Ayla: Colonialidad, Racismo y Gordofobia”; 9. “Racializando as discussões sobre diversidade corporal e movimentos anti-gordofobia”; 10. “Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil”; 11. “Desconstruindo Rasputia: Racismo, Sexismo e Gordofobia através da reprodução de imagens de controle do filme Norbit”; 12. “De Dentro Para Fora: Limites e Possibilidades de conteúdos online para o Ativismo AntiGordofobia”; 13. “Do Discurso de ódio

	ao empoderamento do corpo gordo: reflexões sobre discursos e contradiscursos”; 14. “Elas Saíram do Armário, e agora? Interseccionalidade, lugar de fala e empoderamento na configuração das mulheres gordas pela revista feminina Donna”; 15. “Entre dobrinhas e gordurinhas: observações de uma professora gorda na Educação Infantil”; 16. “Gordescritas: epistemologias literárias dissidentes”; 17. “Gordofobia, educação e corpos subverses: ocupando espaços e garantindo Direitos em experiência desenvolvida no If Baiano Campus Santa Inês-Ba”; 18. “Pesquisa gordofobia e mercado de trabalho no contexto brasileiro: Resultados Preliminares”; 19. “O Peso da Corpa: Manifesto em Potência Performativa de Uma Corpa Gorda”; 20. “De gorda à plus size: a produção biopolítica do corpo nas culturas do consumo – entre Brasil e EUA”; 21. “Lésbica gorda não performa feminilidade: um estudo a partir de Orange Is The New Black”; 22. “Obesidade, acessibilidade e transporte público: o estigma da Gordofobia e os impactos na Mobilidade Urbana e no acesso aos Serviços Especializados de Saúde”; 23. “Um lugar para ser gorda: Afetos e erotismo na sociabilidade entre gordinhas e seus admiradores”; 24. “Narrativas sobre o (meu) corpo gordo: estudo autoetnográfico rumo a uma psicologia gorda”; 25. “Pornografia com mulheres gordas: o regime erótico dos corpos dissonantes”; 26. “Mulheres gordas: gordofobia e falta de acessibilidade como questão moral”; 27. “Gordofobia, gênero, classe, raça, sexualidade: uma questão de saúde”; 28. “Imagina ela nua!: experiências de mulheres que se autodeclaram gordas”; 29. “Gordocídio”: uma análise da política sistêmica de morte de pessoas gordas no Brasil”; 30. “Dieta Para Emagrecer o Preconceito Contra Gordos: discursos anti-gordofobia no YouTube”; 31. “O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados”; 32. “Gordofobia médica: manifestação de um estigma social como violação de direitos humanos”; 33. “Dossiê: Gordofobia em tempos de Covid-19 & Ativismo(s) gorde(s) desde Abya Yala.”; 34. “Mulheres gordas na pandemia: gordofobia, (re) existências e ativismo gordo”; 35. “BATUKA: introdução aos Fat Studies”; 36. “Mulheres que comem todas as maçãs: apresentação do dossiê”.
Chile	1. “La cerda punk: ensayos desde un feminismo gordo, lésbico, anticapitalista y antiespecista”; 2. “Subjetividad femenina y gordura: una perspectiva desde los estudios culturales y género”; 3. “Gordura, discriminación y clasismo: un estudio en jóvenes de Santiago de Chile”.
Colômbia	1. “¿Cómo se construye una gorda? De Cromos al activismo: aproximación a las representaciones de los cuerpos gordos en Colombia”; 2. “Ser Gordas en el Caribe”; 3. “Gordas sin Chaqueta: una crítica desde Colombia al sistema capitalista”; 4. “Resistências gordas Bogotá: espacialidade e fronteiras estéticas”.
Costa Rica	1. “Gordofobia: efectos psicosociales de la violencia simbólica y de género

	sobre los cuerpos. Una visión crítica en la Universidad Nacional Heredia”.
México	1. “Stopgordofobia: Arte y Activismo Gorde en México”; 2. “Género y Gordofobia”; 3. “No soy musa, soy artista, y de las gordas:cActivismo Gordo hispánico en instagram”; 4. “Activismo gordo y fanzines digitales (I): de niñas a gordas”; 5. “Cuerpos gordos: empoderamiento a través de las prácticas performáticas”.
Peru	1. “Vestir desde la disidencia: resistencia y visibilidad desde la experiencia de tres activistas peruanxs”; 2. “#Mereclamomía: representaciones y narrativas en torno al cuerpo femenino de instagrammers #BodyPositive”.
Uruguai	1. “Activismo gordo: existimos así y no somos un cuerpo en tránsito”; 2. “Ampliación del sujeto político del feminismo uruguayo”; 3. “Corpografías rengas : movimiento y alteridad corporal en el Río de la Plata”.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025.

Diante as buscas realizadas, foram encontradas algumas discussões recorrentes, aqui vamos nos aprofundar em três delas. A primeira se refere às inúmeras formas de nomeação do ativismo gordo nas produções acadêmicas. Ainda que inicialmente o descritor “Activismo Gordo” tenha apresentado muitas produções (30 produções), começamos a perceber como alguns pontuaram em seus títulos ou no corpo dos seus textos outras nomenclaturas, como: *Activismo Antigordofobia* (1 resultado), *Activismo Gordo Latino-Americano* (1 resultado), *Activismo Gordx* (2 resultados), *Activismo Gorde* (5 resultados), *Activismo Gordo Hispánico* (2 resultados) ou até mesmo *Activismo Gordo Hispanohablante* (1 resultado). Para além, consideramos realizar buscas utilizando *Activismo Gordo en* (países da América Latina), onde fora possível encontrarmos outras produções desse campo que estivesse focado no contexto de seu país, tais como: “*Contra la patologización intensiva en términos de derechos humanos: activismo gordo en Argentina*” de Laura Contrera (2020), “*Cuerpas Gordas de Abya Ayla: Colonialidad, Racismo y Gordofobia*” de Cynthia Montalbetti (2022), “*#Stopgordofobia: Arte y Activismo Gorde en México*” de Sofia Aguilar (2023), entre outros.

O segundo ponto refere-se à construção do Ativismo Gordo na América Latina e os outros movimentos sociais. De acordo com Irati García (2016), o movimento gordo hispanofalante está desde seu início conectado aos movimentos feministas e queer,

considerando em seus debates as questões de gênero, raça, classe e sexualidades, e outras avenidas. Destaca, que há desde o início uma intensa presença de mulheres no movimento, elaborando, traduzindo e ampliando as discussões e debates dentro deste campo. Essa participação, tem contribuído para produção de rupturas com o Ativismo Gordo Hegemônico, construído por ativistas dos países do Norte Global, que foi se direcionaram a discutir as pautas no feminismo radical, localizando o corpo a partir de debates sobre positividade corporal, aceitação de si. Esse movimento centrou-se em colocar a gordura como temática particular, onde o amor-próprio resolveria as questões sobre a gordura e seu desconforto, novamente, seria resolvido individualmente (Contrera, 2018).

Em terceiro, Constanzx Castillo (2014) nos sinaliza, sobre a vasta produção sobre a gordura escrita por pesquisadoras e ativistas dos Países do Norte. Comentando, que é visível encontrarmos dificuldades nas buscas e no acesso a esse campo, pois se torna inacessível para quem não tem fluência na língua inglesa o contato com essas produções, bem como, o desinteresse de muitos estudiosos em realizar traduções que considerem as especificidades do campo e das produções. Ademais, Constanzx Castillo comenta ainda, que de certa forma, mesmo com esses obstáculos, o campo das corporalidades gordas estadunidenses é tido como referência inicial para as pesquisadoras. Fazendo com que, o Ativismo Gordo Latino-Americano fique relegado como opção complementar, mesmo com o contexto histórico de luta e a presença intensa de produções gordas de corpos hispanofalantes sobre os conhecimentos engordurados em produções outras, como foi apresentado acima.

Outrossim, adentrar no Ativismo Gordo somente pela via do Norte Global, recaí, em algum grau, no processo de universalização das experiências, num ideal de corpo gordo, branco, escolarizado e euronortecêntrico. Tendendo a não centralizar uma análise interseccional que considere raça, colonialidade, gênero, etnia, território e classe, aspectos fundamentais para compreensão da realidade latino-americana.

A questão étnico-racial tem ganhado importância nas discussões acerca da luta antigodofobia em movimentos latino-americanos. Durante o

GRR Gordes, *Resistencia y Rebeldia - 1er Encuentro De Activismos Gordes Del Abya Yala Y La Diáspora Africana* (2019) ocorreram importantes discussões acerca da predominância branca em espaços de militância, especialmente vindas de países do norte global. Porém, ainda que se reconheça as opressões e silenciamentos epistemológicos de corpos gordos negros e indígenas, espaços de activismos anti-gordofobia na América Latina ainda são compostos majoritariamente por pessoas brancas, acadêmicas e de classe média (Novais; Machado, 2021, p. 8).

Diante a essas contribuições, o contexto da América Latina convoca o ativismo gordo a verificar brechas relevantes na compreensão da gordura e do corpo gordo. Distanciando-se do que fora central nas produções do Ativismo Gordo estadunidense, esses debates precisam estar alinhados em uma produção contracolonial (Santos, 2023). Considerando como a imposição de gênero e a gordura estão alocados como norma simbiótica a hierarquização racial nesses territórios, ou como a desigualdade socioeconômica estrutural nos países do sul global desvela uma incoerência com a representação de pessoas gordas circulada nas produções midiáticas norte-americanas.

Ativismo gordo no Brasil

No Brasil, o contexto histórico se apresenta como um caminho relevante para iniciarmos a conjuntura de emergência do ativismo gordo. No livro *Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil*, a historiadora Denise Sant'Anna (2016) comenta sobre as mudanças que ocorreram nas décadas de 1960 e 1970 nas produções acadêmicas e representações dos corpos gordos em contexto brasileiro, de maneira a contribuir para a patologização desses corpos como obesos. Por conseguinte, o *valor da banha* servia de referência econômica no Brasil, pessoas gordas eram em sua maioria aquelas que tinham acesso à alimentação em abundância, tornando o corpo um armazém para guardar tudo o que ocupava a mesa. Vale mencionar que os corpos que a autora vai relatando, são em sua grande parcela mulheres e homens brancos do sul e sudeste e em alguns momentos, nordeste do Brasil.

Ilustrando a relação contínua que existe entre corpos e classes sociais no Brasil, onde as mudanças históricas que acompanham o corpo gordo brasileiro. A autora nos apresenta a diferença entre as décadas de 1960, 1970 e 1980, onde os corpos gordos eram símbolos de fartura, grandiosidade e curiosidade. Diferentemente das representações atuais sobre os corpos, onde a magreza é representada como símbolo de beleza, saúde, sucesso e também o acesso à comida, pois o corpo magro ou corpo padrão simboliza o privilégio de classe dos sujeitos brasileiros, o acesso aos alimentos ditos saudáveis e sua classe social.

Nesse caminho, ao retomarmos a construção da luta gorda no Brasil, Letícia Assis (2022) discorre sobre como o Ativismo Gordo brasileiro construiu-se a partir dos diversos coletivos latino-americanos. Uma construção que se deu principalmente por parte do movimento gordo do Chile, que em 2013 lança o *Manifiesto Gordx*⁶ e da Argentina, que em 2012 ampliou o Ativismo Gordo nas plataformas virtuais. Essas comunidades, auxiliam na divulgação com traduções e discussões em blogs e produções acadêmicas, buscando debater a segurança alimentar, a despatologização de corpos gordos, acessibilidade e direitos humanos de pessoas gordas, bem como, outras temáticas que atravessam os contextos latino-americanos.

A autora elucida, ainda, que o movimento no Brasil ganha mais intensidade a partir de 2020, com a criação do projeto *Lute como uma gorda* e do *Grupo Pesquisa Gorda*, criados pela ativista gorda Maria Luisa Jimenez. Esse grupo desde seu início utilizou das plataformas sociais para ampliar e aproximar as pesquisadoras do campo, fora composto por um longo período majoritariamente por mulheres cisgênero e brancas, moradoras principalmente das regiões do sudeste e sul brasileiro. Mais adiante, o grupo passou por diversas mudanças na composição, entre elas, a entrada de pessoas negras por indicação das ativistas que faziam parte do grupo, ou como vem acontecendo recentemente, a partir de processo seletivo para entrada de novos coordenadores, divulgados através das redes sociais.

⁶ LA REDE 4G. Manifiesta Gordx. Disponível em: <https://hysteria.mx/conoce-la-gordoridad-de-la-red-4g/> Acesso em: 15 mai. 2025.

Em 2022 o Grupo Pesquisa Gorda realizou o I Encontro Pesquisa Gorda: Ativismo, Estudo e Arte, que aconteceu em formato virtual, onde ativistas, pesquisadoras, estudantes e movimentos sociais que participaram ativamente desse momento, puderam compartilhar suas produções acadêmicas e artísticas, posteriormente publicadas como Anais da Pesquisa Gorda⁷. Esse encontro teve a participação de ativistas gordas da Argentina e México que também compartilharam suas produções e ouviram o que estava e ainda continua sendo produzido por pessoas gordas brasileiras (Jimenez-Jimenez *et al.*, 2022b). Para além desse encontro realizado em 2022, outro momento importante para o movimento gordo no Brasil aconteceu em 2023. O Grupo Pesquisa Gorda – nesse momento composto por corpos gordos negros e brancos, majoritariamente mulheres cisgênero – lança o *Manifesta Gorda*⁸, em comemoração aos 50 anos do Manifesto *Fat Liberation* escrito pelas ativistas gordas feministas radicais Judy Freespirit e Aldebaran, integrantes do *Fat Underground* em 1973 nos Estados Unidos (Rangel, 2017).

O lançamento aconteceu no dia 30 de novembro de 2023, data simbólica para o movimento gordo, que se refere ao mês de publicação do *Fat Liberation*, ocorrido em novembro de 1973. Nesse evento, que teve uma participação plural, contou com pessoas gordas, indígenas, negras, brancas, pesquisadoras, profissionais, estudantes de todas as regiões do Brasil, norte, nordeste, sul e sudeste.

A Manifesta Gorda, construída pelo Grupo Pesquisa Gorda, apresenta inúmeros pontos, no qual exigem mudanças, direitos e ações para e com pessoas gordas. Esse documento, declarou ainda reconhecer os processos coloniais, ressaltando que o movimento antigordofóbico do Brasil, embora considere a importância do movimento estadunidense para a luta gorda, não deve tomar este como direcionador das lutas da América Latina e do Brasil. Apesar do grupo ter demarcado seu posicionamento, esse espaço também proporcionou o questionamento sobre a materialização dessas premissas, visto que a data de lançamento ainda se alinha ao movimento estadunidense, ou até

⁷ PESQUISA GORDA. Anais Congresso Pesquisa Gorda. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/congressopesquisagorda2022/> Acesso em: 12 mai. 2025.

⁸ PESQUISA GORDA. Manifesta Gorda. Disponível em: <https://pesquisagordegp.wixsite.com/gordes/lead-collection> Acesso em: 15 mai. 2025

mesmo nas produções e debates que circulavam em torno de produções, leituras e aportes estadunidenses.

O posicionamento do Ativismo Gordo do Brasil de alinhar-se ao Ativismo Gordo da América Latina, demanda a compreensão inexorável dos processos coloniais, e, portanto, das outras opressões que perpassam nossos corpos gordos. É necessário nos atentarmos, pois a marcação identitária sobre os corpos que compõem a cena do movimento gordo é um ponto de extrema importância, para localizarmos as análises daqueles que produzem sobre as inúmeras violações que pessoas gordas passam em contexto brasileiro. Convalidamos as reflexões de Carla Akotirene (2018) em nos alertar sobre a matriz colonial presente nas produções acadêmicas, no qual a problemática da dependência metodológica eurocêntrica para dar base aos debates sobre as múltiplas opressões, ainda acabam por fazer parte do repertório analítico de pesquisadores brancos.

Para Yasmin Silva (2023, p. 23) “a lógica colonial opera pelo não reconhecimento de nossa história, destruição de nossas referências e apagamento de memórias coletivas, o que nos torna sujeitas/os solitárias/os e desencantadas/os” esse caminho hegemônico do desencantamento, nos sinaliza as problemáticas da estrutura gordofóbica em países terceiro-mundistas, onde o uso do Norte Global como referência é contraproducente, desconsiderando o contexto histórico e territorial, e retirando dos corpos gordos latinos a possibilidade de aproximar-se dos debates do sul.

Considerando esse aspecto, a responsabilização de pesquisadoras e ativistas gordas brancas, considerando que são as que compõem em maior parcela os grupos ativistas, na apresentação e fomentação desse campo, na tradução e na inserção das produções gordas latino-americanas para o Brasil, precisa urgentemente acontecer na práxis. Iniciando essa transgressão a norma, com a verificação da própria raça branca, bem como seus privilégios e posições advindas da branquitude, sem continuar deixando os saberes, as memórias coletivas e as escritas de intelectuais de cor, como composição diversa e colorida somente em suas estantes de livros (Silva, 2023).

Como nos tornamos as ativistas gordas que somos?

Yuderkys Miñoso (2020) a partir das interpelações que faz sobre sua trajetória, nos convoca a refletir: Como foi que não pude, durante muito tempo, dar significado a todo o resto de minha experiência, essa que o discurso feminista não dava conta?

Essa pergunta, ainda que pareça circunscrita ao lócus privado, provoca nossa compreensão sobre às interpelações produzidas entre os sujeitos e os movimentos sociais. Mais precisamente, entre o movimento feminista e mulheres que escapam do que é definido como ideal de feminilidade, seja por sua cor, sua orientação sexual, sua geração ou seu peso. Seguindo a provocação feita por Yuderkys Miñoso (2020), nos questionamos: “Como foi que não verificamos, durante todo esse tempo, que as nossas experiências de feministas gordas latino-americanas, não estavam colocadas e nem sendo consideradas pelo ativismo gordo estadunidense?” e “Como foi que nos tornamos as ativistas gordas que somos?”

A proposta de uma genealogia das experiências para debater e pensar a crítica a razão feminista proposta por Yuderkys Miñoso (2020), nos orienta nas observações tecidas nesse trabalho. Compreendemos que para uma análise das contribuições do Ativismo Gordo Latino-americano para o Ativismo Gordo do Brasil, precisamos antes de tudo perceber de quais maneiras a colonialidade se faz presente nas produções sobre corporalidades gordas. Sendo a nossa base epistemológica o feminismo decolonial, que se consolida como um movimento ampliado e amadurecido a partir das revisões críticas diante aos sistemas que se interligam e que por muito tempo foram colocados fora da discussão do feminismo ocidental, branco e burguês (Miñoso, 2020).

Para as feministas decoloniais, o uso da teoria do ponto de vista busca superar esses conhecimentos científicos neutralizados, que por muito tempo partiu de lugar nenhum, que viu os sujeitos somente como objetos de suas pesquisas, onde suas experiências foram direcionadas à margem das discussões. Utilizar a teoria do ponto de vista como uma ferramenta, colabora na análise dos pontos que o Ativismo Gordo do Norte Global não considerou, e por isso se impôs como referência das corporalidades gordas.

Esse modelo não contempla a realidade histórica dos corpos-territórios latino-americanos. As corporalidades gordas na América Latina possuem compreensões sobre o corpo distante dessa nomeação. Considerando a formação territorial dos países de Abya Ayla, a presença dos povos originários é significativa e o olhar que se tinha sobre as dimensões corporais, não estavam direcionadas nessa divisão binária entre gordo e magro. Em uma roda de conversa realizada em agosto de 2021 na cidade de Manaus, especificamente no Centro de Medicina Indígena Bahserikowi, cujo tema era *Corpo gordo em Manaus: uma discussão corpo-território*, falávamos sobre como, na maioria das vezes, são as mulheres que chegam nesses debates e como era - e permanece sendo - difícil falarmos sobre a gordofobia em Manaus. Em um certo momento, o Doutor em Antropologia João Paulo Tukano⁹, comenta o quanto que essas terminologias não dialogam com os nomes que eram dados aos corpos em sua comunidade. Onde os corpos eram divididos entre maiores ou menores, os corpos maiores eram bons para trabalhar no roçado, fazendo os trabalhos que demandam maior força, enquanto os corpos menores faziam atividades mais leves, na própria comunidade, colaborando de outras formas.

Do mesmo modo, Brulina Baniwa (2019) analisa que desde o século XVIII o povo Baniwa vivencia a inserção cada vez mais forte dos colonizadores em seus territórios, principalmente na tentativa de catequização da comunidade. Com isso, ainda que até presentemente a presença do Cristianismo e do Protestantismo - que teve uma inserção intensa posteriormente -, tenha feito mudanças na dinâmica de seu povo, as mulheres baniwa seguem passando as tradições do seu povo da forma que aprenderam. Como tentativa de resistência, esses saberes estão inteiramente ligados ao corpo dessas mulheres, estando o corpo para além da formação biológica, tornando-se um local que guarda as heranças e os conhecimentos que os colonizadores tentaram arrancar da terra, leia-se então arrancar do corpo, sendo o corpo parte da terra e da comunidade.

Sabrina Strings (2019) aponta que o corpo de mulheres negras africanas na era da escravidão, era visto como um corpo perfeito, pois era rechonchudo e tendo curvas proporcionais. Entretanto, seus rostos não estavam consoante a construção de beleza que

⁹ Informação fornecida pelo Doutor em Antropologia João Paulo Tukano durante a roda de conversa *Corpo gordo em Manaus: uma discussão corpo-território* em agosto de 2021.

se formava, a própria representação das mulheres gordas da época quando se falavam desses corpos vistos como belos, eram de mulheres brancas. Assim, a beleza feminina para além de um tema, apresenta-se como elemento central ao longo da história, das produções científicas e artísticas sobre corpo, com a utilização de cálculos e métricas para se chegar na definição do tamanho ideal de altura, largura, curvas e comprimentos do corpo feminino.

A definição do que seria o ideal produz substancialmente aquilo que é inadequado, anormal. Como nos indica a filósofa Sueli Carneiro (2005), a definição do ser se consolida a partir da negativa daquele outro que não é. Assim, a patologização, a contenção física, moral, medicamentosa, o preterimento, a fetichização, a objetificação e animalização foram saídas para reafirmar quais corpos eram representantes da feminilidade humana. A operacionalização dessa lógica pode ser exemplificada pela história de Saartjes Baartman, colocada como exemplo de espécie imperfeita, seu corpo foi exposto, explorado e violentado mesmo após sua morte.

Saartjes Baartman, mulher da etnia Khoikhoi que foi trazida da África do Sul para a Inglaterra a fim de ser exposta em shows que exploravam principalmente o fato dela ter nádegas grandes, elemento que representava para os europeus um sinal de selvageria, hipersexualidade e exotividade. Mesmo após sua morte, Baartman continuou a ser explorada e exposta, partes do seu corpo foram preservadas para estudo e exposição, seus órgãos genitais permaneceram no Museu do Homem de Paris até 1974, seus restos mortais só foram repatriados em 2002 e um molde de gesso foi feito do seu corpo antes dele ser dissecado (Santos, 2022, p. 4).

Esse e outros casos, muitos dos quais nunca saberemos pela inexistência de registros que validem essas existências, acompanharam uma história que instaurou desigualdades onde se apresentavam diferenças. As corporalidades gordas e negras eram vistas como anormais e animais, por isso, mulheres negras e também mulheres indígenas nunca couberam na definição de fragilidade que se legou às mulheres brancas, pelo contrário, seus corpos eram admitidos como aqueles que seriam passíveis da exploração laboral, sexual e reprodutiva (Lugones, 2008; Gonzaga, 2019). Por outro lado,

a feminilidade branca estava subsumida a incapacidade, admitidas como animais domésticos, ainda que fossem cuidadas e vistas como parte da família, eram ainda animais de estimação, objetos decorativos que deveriam representar o sucesso e às posses dos patriarcas, logo não poderiam se aproximar dos modelos corporais que representavam sua antítese (Lugones, 2008; Collins, 2016).

Em *Género y gordofobia* Gabriela Cota e Izchel Barroso (2022) comentam que desde o princípio, o pensamento gordo vem ligado aos estudos sobre o mito da beleza de Naomi Wolf e outras produções que colocam como central a obediência feminina a partir do corpo. Dessa maneira, ao tentarem apresentar que *las gordas no son mujeres*, é colocar em discussão que os estudos do corpo gordo não se referem às mulheres, mas sim de um sistema definido que classificou a corporalidade em uma normalidade, que contribuía na fixidez da divisão de gênero para as sociedades que não eram divididas nessa binaridade.

As autoras comentam, que essa tentativa de direcionar a corporalidade gorda num campo da feminilidade, teve uma grande contribuição por parte das feministas brancas estadunidenses, que traziam o corpo enquanto lugar primário para libertação da submissão em que eram colocadas, posteriormente, quando esse corpo passa a ser concebido como parte da formação identitária dessas mulheres, não mais sendo propriedade do outro, começam a reivindicar a liberdade sobre seus tamanhos, formatos e curvas. Enquanto, que para as mulheres do Norte Global a reivindicação do corpo estava ligada a despatologização de suas gorduras, para as mulheres do terceiro mundo, esse movimento se daria para além, sendo necessário admitir que esse corpo submetido a imposição de gênero, também viveu em si, as violações que feitas ao território, sendo esse corpo extensão de suas territorialidades.

Considerações finais

Mediante ao exposto, esse texto não teve por finalidade encerrar as discussões sobre as contribuições entre os ativismos gordos, mas questionar de quais formas essas contribuições estão acontecendo e por quais caminhos elas têm se direcionado,

verificando ainda que/m era – e permanece sendo – colocado como ponto de partida do movimento gordo.

Para a feminista decolonial Ochy Curiel (2021), estar na academia tentando fazer desse espaço um campo de resistência, de nossos corpos e de nossas discussões críticas, irá sempre esbarrar com os muros limitantes da universidade. Esse processo é doloroso, principalmente quando percebemos que ali nada se decoloniza, afinal, este é o centro da colonialidade do saber. No entanto, mesmo percebendo e visualizando esses muros discursivos e pactuados na academia, será entre as brechas que conseguiremos reivindicar nossos espaços e nossas vozes. Para isso, é imprescindível o reconhecimento das desigualdades instauradas pela colonialidade, para podermos evitar a reprodução do apagamento epistemológico tão naturalizado nas pesquisas e movimentos ocidentais. Apostamos, assim, numa produção a partir desse locus fraturado, onde possamos perceber e valorizar a potencialidade das interpelações epistemológicas produzidas por aquelas que vivenciam e resistem às mazelas do sistema de gênero moderno/colonial (Lugones, 2014).

Nessas beiradas, vale considerarmos que as produções realizadas por ativistas gordas latino-americanas nos sinalizam para a necessidade de considerar a pluralidade dos corpos gordos do sul, conseguindo compreender quem são os sujeitos que compõem esse movimento, por quais avenidas identitárias suas experiências cruzam e a partir de quais lentes analisamos suas dificuldades e potencialidades. Desta maneira, se faz urgente que as pesquisas sobre corporalidades gordas brasileiras, dialoguem com o Ativismo Gordo latino-americano, atentando-se à interseccionalidade como espinha dorsal de suas análises (Lima, 2023).

As contribuições entre o Ativismo Gordo na América Latina e o Ativismo Gordo no Brasil se produzem na presença majoritariamente de ativistas gordas, que colocam seus corpos em cada reflexão a escrita, logo, demarcando também que se trata de uma luta que é coletiva. Assim, é necessário que estejamos considerando em nossas produções engorduradas que os saberes precisam estar em diálogo com o território, e principalmente pela diversidade de corpos que compõem a luta gorda brasileira e latino-americana.

Referências

- AGUILAR, Sofia Patricia Ruiz. **Stopgordofobia: Arte y Activismo Gorde en México**. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudios de Género) – Facultad de Artes, Universidad Autónoma de Querétaro Facultad de Artes, México, 2023.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ARRUDA, Agnes; Miklos, Jorge. O peso e a mídia: estereótipos da gordofobia. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero**, Líbero, v. 46, pp. 111-126, jul-dez. 2020. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1116> Acesso em: 10 mai. 2025.
- ASSIS, Letícia Borges de. **O ativismo gordo: da militância à autoetnografia, da voz à educação**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.
- AURORA, Brulina. A Colonização sobre as mulheres indígenas: Reflexões sobre cuidado com o corpo. **Revista de Estudos em Relações Interétnicas**, Interethnica, v. 22, p. 109-115, jan-abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.26512/interethnica.v22i1.20530> Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/interethnica/article/view/20530> Acesso em: 10 mai. 2025.
- BARRETO, João Paulo Lima. **Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro**. 2021. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CASTILLO, Constanzx. **La cerda punk: ensayos desde un feminismo gordo, lésbiko, anticapitalista y antiespecista**. Valparaíso: Trio Editorial, 2014.
- CASTRO ROLDÁN, Laura. Activismo gorde digital. La gordesfera como espacio digital donde se encuentra el activismo gorde. In: RUIZ-BLANCO, M.; BARANDA, C. (Org). **Investigación joven con perspectiva de género IV**. Madrid: Instituto de Estudios de Género, Universidad Carlos III de Madrid. 2021. p. 33-42.

CONTRERA, Laura; CUELLO, Nicolás. **Cuerpos sin patrones: resistencias desde las geografías desmesuradas de la carne**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Madreselva Editorial, 2016.

CONTRERA, Laura Stella Maris. “Gordx no es un sentimiento”: trastornos alimentarios, cuerpos regimentados y almas “de gordx” en el tráfico afectivo de Internet. In: XIII Jornadas Nacionales. VIII Congreso Iberoamericano de estudios de género, 2018, Buenos Aires, **Anais** [...] Disponível em: <http://eventosacademicos.filo.uba.ar/index.php/JNHM/XIII-VIII-2017/paper/view/2378>. Acesso em: 15 mai. 2025.

CONTRERA, Laura. Contra la patologización intensiva en términos de derechos humanos: activismo gordo en Argentina. **Arxius de Ciències Socials**, Arxius. v. 42, pp. 175-188, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.7203/acs.42.29102> Disponível em: <https://turia.uv.es//index.php/arxius/article/view/29102>. Acesso em: 15 mai. 2025.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within. **Sociedade e Estado**, v. 31, pp. 99-127, jan. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/abstract/?lang=pt> 15 mai. 2025.

CUELLO, Nicolás; ORTEGA, Sigrid Beatriz Varanis. Podemos nós, xs gordxs, falar? **Ativismo, imaginação e resistência a partir das geografias desobedientes da carne**. Revista Epistemologias do Sul, v. 6, n. 1, 2022. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/3966> Acesso em: 15 mai. 2025.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do Feminismo Decolonial. In: HOLLANDA, H. B. (Org). **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p.124-145.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, pp. 64-83, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336> Acesso em: 05 mai. 2025.

GARCÍA, Iratí López de Aguilera. **Género, gordura y feminismo. La experiencia de mujeres feministas en la CAPV**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Feministas y de Género) - Filosofia eta Antropologia Fakultatea, Universidad del País Vasco, Espanha, 2016.

GONZAGA, Paula Rita Bacellar. **A gente é muito maior, a gente é um corpo coletivo**: produções de si e de mundo a partir da ancestralidade, afetividade e intelectualidade de mulheres negras, lésbicas e bissexuais. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

GONZAGA, Paula Rita Bacellar. “A gente faz arte pra não morrer”: definições de si e de mundo a partir de produções de artistas negras lésbicas e bissexuais. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 4, n. 15, pp. 55-80, 2021. DOI: <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2021.15.12645> Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/12645> Acesso em: 15 mai. 2025.

GONZAGA, Paula Rita Bacellar. Interseccionalidade: uma contribuição do feminismo negro para a construção de práticas e conhecimentos antirracistas em Psicologia. In: Conselho Federal de Psicologia; Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia (Org). **Psicologia Brasileira na Luta Antirracista**. Brasília: CFP, 2022. p.156-182.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, pp. 25-49, jan. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xpNftGdzw4F3dpF6yZVVGgt/?lang=pt> Acesso em: 10 mai. 2025.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. **Lute como uma gorda**: gordofobia, resistências e ativismos. 2020. Tese (Doutorado em Estudos da Cultura Contemporânea) - Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luísa; ARRUDA, Agnes de Souza; SILVA, Marcelle Jacinto da. Feminismo Gordo: Epistemologias, saúde e mídia. **CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, v. 1, n. 28, p. 38-64. jun. 2022a. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/361239030_FEMINISMO_GORDO_epistemologias_saude_e_midia Acesso em: 15 mai. 2025.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa et al. Possibilidades em Pesquisa Gorda: Estratégias de (Re) existências na Produção de Saberes Fora do Eixo. **Revista Fermentario**, v. 16, n. 1, pp. 23-41, 2022b. Disponível em: <https://ojs.fhce.edu.uy/index.php/fermen/article/view/1524> Acesso em: 10 mai. 2025.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. Filosofia Gorda: por Epistemologias Engorduradas. In: Anais da Pesquisa Gorda: ativismo, estudo e arte. In: I Congresso de Pesquisa Gorda:

Ativismo, Estudo e Arte, 2022c. Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/congressopesquisagorda2022/510863-filosofia-gorda--por-epistemologias-engorduradas/>. Acesso em: 15 mai. 2025.

LIMA, Fatima; GAUDENZI, Paula. Racismo, Iniquidades Raciais e Subjetividade - Ver, dizer e fazer. **Saúde e Sociedade**, n. 32, v. 2, e230313pt, pp. 1-9, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023230313pt> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nqwWB4mKfhDCZ5GjnsDKBCz/?lang=pt> Acesso em: 10 mai. 2025

LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 9, pp. 73-102, dez., 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-24892008000200006&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 15 mai. 2025.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, pp. 935-952, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqznzb> Acesso em: 15 mai. 2025.

LUGONES, María. Colonialidade e Gênero. In: HOLLANDA, H. B. (Org). **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p.51-81.

MONTALBETTI, Cynthia Jasmín Luna. **Cuerpas Gordas de Abya Ayla: Colonialidad, Racismo y Gordofobia**. 2022. Monografia (Especialização em Ensino de História e América Latina) - Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

MENDÉZ COTA, Gabriela; COSIO BARROSO, Izchel. **Género y Gordofobia**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Centro de Investigaciones y Estudios de Género, 2022.

MIÑOSO, Yuderkys. Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina. In: HOLLANDA, H. B. (Org). **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 97-122.

NOVAIS, Flávia Luciana; MACHADO, Paula Sandrine. Racializando as discussões sobre diversidade corporal e movimentos anti-gordofobia. In: Fazendo Gênero 12, 2021, Florianópolis, **Anais [...]**. Disponível em: https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1613695381_ARQ_UIVO_fbe4d287191975211b70e9d45ae5a56f.pdf. Acesso em: 15 mai. 2025.

OYĚWUMÍ, Oyèrónké. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. In: HOLLANDA, H. B. (Org). **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 82-95.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Entre América e Abya Yala—tensões de territorialidades. **Desenvolvimento e meio ambiente**, v. 20, pp. 25-30, 2009. DOI: <https://doi.org/10.5380/dma.v20i0.16231> Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/16231> Acesso em: 10 mai. 2025.

SACCHI, Duen et al. Epistemologias desobedientes e histórias decoloniais: um fórum sobre práxis latino-americana. **Revista Periódicos**, v. 1, n. 15, p. 117-132. abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i15.44778> Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/44778> Acesso em: 10 mai. 2025.

SANTA'ANNA, Denise. **Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil**. 1ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SANTOS, Renata Argolo dos. Desconstruindo Rasputia: Racismo, Sexismo e Gordofobia através da reprodução de imagens de controle do filme “Norbit”. In: I Congresso de Pesquisa Gorda: Ativismo, Estudo e Arte, 2022, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/congressopesquisagorda2022/512728-desconstruindo-rasputia--racismo-sexismo-e-gordofobia-atraves-da-reproducao-de-imagens-de-controle-no-filme-norb>. Acesso em: 15 mai. 2025.

SARIEGO, Mónica María Martínez. Activismo Gordo Y Fanzines Digitales: De Niñas a Gordas. In: SANCHÉZ, T.; OLARIU, O.(Org). **Algoritmos, Teletrabajo Y Otros Grandes Temas Del Feminismo Digital**. Madrid: Dykinson S. L., 2022. p. 284-306.

SILVA, Yasmin Maciane. Antirracismo cordial: o modismo de acadêmicas/os brancas/os no movimento antirracista. In: SILVA, Y. M.; MESQUITA, M. R.; HÜNING, S. M. (org). **Antirracismo cordial: das dinâmicas institucionais às alianças político-afetivas**. Maceió: Edufal, 2023. p.13-45.

STRINGS, Sabrina. **Fearing the black body: The racial origins of fat phobia**. New York: New York University Press, 2019.

“Aquí se respira lucha gorda”: aportes del activismo gordo de América Latina al
activismo gordo en Brasil

Resumen: El activismo gordo es un movimiento que se ha expandido dentro de diversos espacios de la sociedad, produciendo un conocimiento gordo y potente sobre la inmensidad de sus cuerpos. En este artículo, utilizamos el feminismo decolonial como base epistemológica, analizando los movimientos gordos desde una herramienta teórico-metodológica que es la Interseccionalidad. Así, el objetivo de este estudio es analizar la presencia del Activismo Gordo en América Latina y entender cómo sus aportes repercuten en las producciones de estudios sobre las corporalidades gordas en el contexto brasileño. Con esto, prestamos atención a la importancia de que los investigadores y activistas gordas brasileñas de localicen la lucha gorda desde el sur, considerando las especificidades de estos territorios, las diversidades corporales y étnico-raciales que forman Abya Yala.

Palabras clave: Activismo gordo. Cuerpo gordo. Género. Gordofobia.

Recibido: 16/05/2025

Aceito: 20/02/2026